

CIDADES INVISÍVEIS: URBANISMO E MEIO AMBIENTE EM ITALO CALVINO¹

Raquel Domingues²

Italo Calvino nasceu em Cuba em 1923, e tinha dois anos quando sua família retornou para a Itália. Faleceu em Siena em 1985. Em 1967, ele se mudou para Paris com o propósito de permanecer ali por cinco anos, porém permaneceu em Paris até 1980. Nesse período teve a oportunidade de conhecer e se envolver com a vanguarda da época em Paris, conhecendo escritores importantes como Roland Barthes e o grupo de escritores da revista francesa *Tel Quel*, que desenvolveu a análise estrutural da narrativa, e a metalinguística na literatura. Calvino também conheceu Lacan e Derrida, frequentou as aulas de Lévi-Strauss e se interessava muito por narratologia, pelas ideias semiológicas. Acabou fundando, junto com alguns colegas, o grupo OuLiPo, que tinha um interesse de elaborar modelos de auto-

¹ Texto inédito. Palestra ministrada no dia 10.11.2017, no painel VI: “Natureza e Cultura: Fronteiras”, integrante do 21º Congresso Brasileiro de Advocacia Pública - “Diálogos Interdisciplinares - As letras e a lei - Em homenagem ao escritor Ignácio de Loyola Brandão”.

² A autora é arquiteta e graduanda em Letras (USP) – Habilitação em Língua e Literatura Italiana.

mação na criação literária, por meio de jogos matemáticos e combinatórios. Esse grupo também se interessava muito pela matemática, apesar de serem escritores.

Após esta breve introdução, já entrando no tema, cabe um comentário sobre a exposição anual de Arquitetura e Design de São Paulo, Casa Cor 2017, que homenageou o escritor Italo Calvino com uma instalação do arquiteto Ricardo Bello Dias. Conversei com o autor da instalação e ele me falou que sua inspiração veio do livro, “As seis propostas para o próximo milênio” de Italo Calvino, leitura obrigatória na maioria das faculdades de Arquitetura. O livro trata de uma série de aulas que Calvino estava preparando para ministrar em Harvard, mas infelizmente faleceu antes de terminá-las. A ideia do livro eram seis propostas para o próximo milênio, onde ele fez uma síntese dos seus pensamentos para deixar para as próximas gerações. Os temas das aulas seriam: *leveza*, *rapidez*, *exatidão*, *visibilidade*, *multiplicidade*; a última aula, que ele não chegou a escrever, era *consistência*.

Quanto à *leveza*, Calvino ressaltava a importância de mudarmos o ponto de vista para enfrentarmos os problemas contemporâneos.

Quanto à *rapidez*, citando o próprio autor: “*aqui não se trata da velocidade, mas da habilidade em encadear fatos e argumentos para fisgar o interlocutor*”.

Sobre a *exatidão*, bem antes da era das mensagens instantâneas, Calvino já se preocupava com o flagelo linguístico, “que parecia assolar o uso da palavra, tornando a linguagem rasa e sem significado”.

Visibilidade: “*cultivar a fantasia e imaginar é fundamental numa época em que estamos correndo o risco de perder uma faculdade humana fundamental, a capacidade de fechar os olhos e imaginar*”.

E sobre *multiplicidade*: “*a ambição de representar a multiplicidade das relações, típica da literatura, que encontra em tempos de questões sociais cada vez mais complexas*”.

Após esta introdução, vamos entrar propriamente na análise da obra *La Città Invisibili*, publicada pela famosa editora Einaudi em 1972.

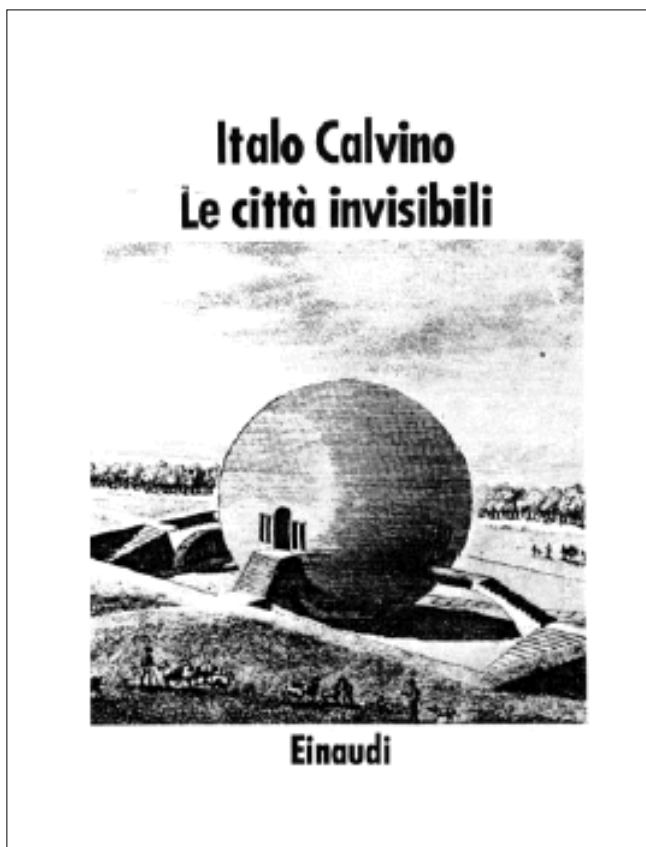


Figura 1 – Le città invisibili

Fonte: Ed. Einaudi/Mondadori

A importância desse livro no conjunto das obras de Ítalo Calvino pode ser percebida por uma reflexão do próprio autor:

“Se o meu livro, As Cidades Invisíveis, continua sendo para mim aquele que, penso haver dito mais coisas, será talvez porque tenha conseguido concentrar em um único símbolo todas as minhas reflexões, experiências e conjeturas”.

Na minha interpretação pessoal, quando Italo Calvino se refere a este único símbolo, as *ciudades*, ele está se referindo à *sociedade*, ou seja, às pessoas que moram nas cidades. Portanto, as cidades se tornam um símbolo complexo e inesgotável da experiência humana.

Quais foram as estratégias que o Italo usou nesse livro para endereçar sua mensagem ao leitor?

- afastamento temporal, a narrativa se passa no século XIII;
- a estrutura se aproxima da fábula “era uma vez, em um mundo distante”. Isto permite que Calvino fale livremente sem soar como crítica direta à sociedade;
- intenção de alertar a respeito da degradação ambiental que o “crescimento a qualquer preço”, traz às cidades e ao meio ambiente.

Na minha opinião, ele muito sabiamente deslocou o tema central, por meio de um afastamento temporal para falar livremente sobre as cidades, ou seja, nós, a grande maioria das pessoas que moram em cidades, mais de 85% da população mundial. Calvino optou por um afastamento temporal, porque queria poder falar livremente sem soar como um crítico. Por meio do distanciamento, uma das características da fábula, ele pode abordar assuntos complexos da sociedade de sua época como as cidades, o urbanismo, a poluição, a ecologia e própria sociedade; e ao mesmo tempo, não soar como uma crítica à sociedade.

Essa estratégia favoreceu uma leitura desprendida, necessária para o aprofundamento e a reflexão. E aí surgem capítulos falando sobre essa sensibilidade que ele já tinha na década de 70, como a preocupação como por exemplo, o meio ambiente, em um momento em que ainda não existiam as leis de proteção e controle do ar, da água e das florestas, pois estas estava em desenvolvimento.

Esse cuidado com o meio ambiente já estava, de alguma maneira, nas preocupações de Calvino com relação às cidades.

Além do distanciamento temporal, por que a escolha dos personagens Marco Polo e Kublai Khan?

Calvino quer contar uma fábula cujo tema são as cidades. O livro é um relato de viagens pelas cidades do império de Kublai Kan. A narrativa se passa no século XIII, e basicamente são diálogos filosóficos entre o Marco Polo e o Imperador Kublai Khan. Na cultura italiana, Marco Polo é o grande desbravador que foi até a China e trouxe inúmeras invenções chinesas para a Europa, como por exemplo, o macarrão, o garfo e a faca, os fogos de artifício e o papel.

Desta maneira, pode-se dizer que Marco Polo é uma figura simbólica e mitológica na cultura italiana. Seu livro *Il Milione* (As Viagens de Marco Polo) é um clássico italiano. Calvino de certa forma, faz uso da figura de Marco Polo para contar sua história.

Por que o grande Imperador Kublai Khan escolheria um estrangeiro, Marco Polo, para lhe falar de seu próprio império? Kublai Khan não teria em sua corte ilustres ministros? Por que um estrangeiro para lhe falar sobre seu império?

Esta escolha se fez justamente pela linguagem alegórica utilizada por Marco Polo para descrever as cidades do grande Império de Khan.

Calvino gostava muito da contraposição das ideias para chegar ao meio termo. Então, com respeito a essa dialética de Calvino sobre o tema cidades, ele fez um livro utópico, “As cidades invisíveis”, mas por outro lado, fez também um outro livro mais concreto e realista sobre o mesmo tema, que é uma sátira à *Especulação Imobiliária*. Dessa forma, pode-se observar que *cidade e sociedade* eram temas que ele estava investigando de várias maneiras na década de setenta.

Quando viajamos, vemos as cidades passando e imaginamos “como seria a minha vida se eu morasse aqui? Será que eu seria diferente?”. Todas essas indagações nos ocorrem quando viajamos, pois estamos expostos à novas perspectivas e novas realidades. Calvino

fala que você precisa do referencial do outro para entender a você mesmo.

Por outro lado, cada pessoa tem um referencial de cidade, com o qual fará comparações com outras cidades. Para Marco Polo, este referencial era Veneza - todas as cidades que ele descreve tem em contrapartida uma semelhança ou contraste com relação à Veneza. Desta forma, esses relatos de viagem levam à indagação, que é o que Italo espera provocar, uma indagação sobre o nosso meio de viver nas cidades de hoje.

É interessante, porque ele está no século XIII, mas suas cidades têm barbeiros, geladeiras e aeroportos. Então, essa mistura de tempos parece realmente bagunçar os conceitos, ou melhor, os preconceitos que temos com relação às cidades.

As cidades têm uma história, têm um passado, têm um futuro, então ele quer mesmo que paremos para pensar no modo em que as cidades são concebidas. Calvino queria abrir as nossas cabeças. Seus questionamentos no livro, são ainda muito atuais! Fazem parte da discussão urbanística de hoje cujos conceitos como o *novo urbanismo* ou o *placemaking* entendem que a cidade deve ser concebida para pessoas e não mais para carros. Notem que estes movimentos se iniciaram nas décadas de 80 e 90 e Calvino já discutia isto em 1972.

As cidades de Calvino são cheias de alegorias, de simbologias, como em *As Mil e Uma Noites*. O poder da alegoria é a facilidade de concretizar uma imagem de maneira muito mais exata do que por meio de um relatório técnico cheio de dados, como números de habitantes, por isso Kublai Khan preferiu a narrativa de Marco Polo.

A estrutura do livro está dividida em 11 categorias de cidades, cujos temas são memórias, desejos, símbolo, delicadas, trocas, nome, mortos, céu, contínuas, ocultas. São exemplos, *a cidade e a memória*, *a cidade e a memória*, *a cidade e o desejo*, somando um total de 55 cidades com nomes femininos.

O autor propositalmente não coloca o nome de cada cidade no índice, apenas sua categoria, isso provoca uma releitura constante do livro, quando você quer reencontrar uma das cidades como por exemplo, Sofrônia, Zenobia ou Otávia.

Por outro lado, percebe-se a influência do grupo de vanguarda francesa por meio da presença da análise combinatória na estruturação do índice, 9 capítulos que incluem 55 cidades e inteiram o total de 64, que é o número total dos quadrados de um tabuleiro de xadrez, jogo muito apreciado por Calvino. Há todo um controle do processo, o primeiro capítulo e o último são simétricos e os demais capítulos vêm em uma espécie de sequência matemática. A seguir alguns exemplos de cidades selecionados no livro:

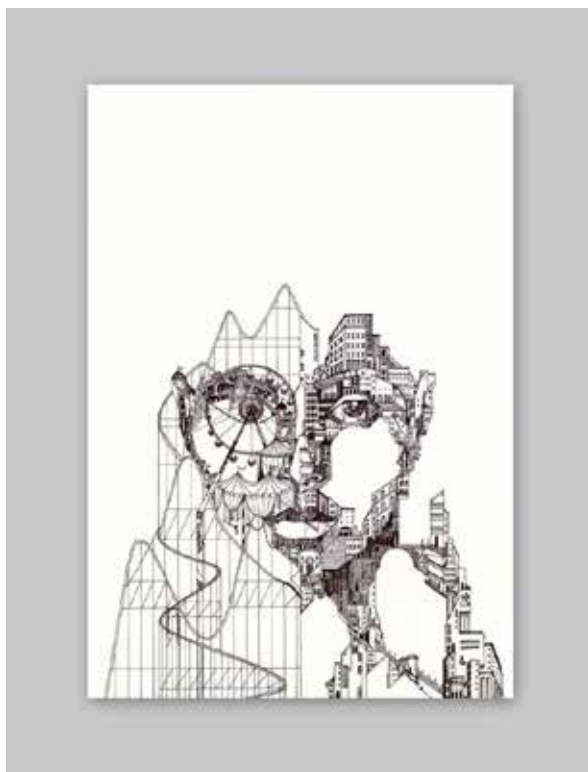


Figura 2 – Sofrônia

Fonte: desconhecida

Sufrônia é uma cidade invertida, pois a cidade concreta (formal) é itinerante. Permanecem os circos, os pipoqueiros, os parques de diversão, as feiras livres... vão-se os hospitais, as escolas, os bancos.

“A cidade de Sufrônia é composta de duas meias cidades. Na primeira, encontra-se a grande montanha-russa de ladeiras vertiginosas, o carrossel de raios formados por correntes, a roda-gigante com cabines giratórias, o globo da morte com motociclistas de cabeça para baixo, a cúpula do circo com trapézios amarrados ao meio. A segunda meia cidade é de pedra e mármore e cimento, como bancos, fábricas, os palácios, o matadouro, a escola e todo o resto. Uma das meias cidades é fixa, a outra é provisória, quando termina a temporada, é desparafusada, desmontada e levada embora, transferida para os terrenos baldios de outra meia cidade.”



Figura 3 – Otávia, cidade teia de aranha

Fonte: <http://www.annaklozarozwadowska.com>

Otávia tem um equilíbrio delicado, está suspensa sobre um abismo por delgadas redes, *“a vida dos habitantes de Otávia é menos incerta que a de outras cidades, mas a resistência das redes tem um limite”*.

Leônia é muito interessante porque é a cidade dos descartes. É uma cidade que as pessoas adoram consumir e o lixeiro é um anjo que coleta todo o desperdício dessa cidade.

“A cidade de Leônia refaz a si própria todos os dias: a população acorda todas as manhãs em lençóis frescos, lava-se com sabonetes recém tirados da embalagem, veste roupões novíssimos, extrai das mais avançadas geladeiras, latas ainda intatas, escutando as últimas lenga-lengas do último modelo de rádio.”

“Acrésceta-se que quanto mais Leônia se supera na arte de fabricar novos materiais, mais substancioso torna-se o lixo, resistindo ao tempo, às intempéries, à fermentação e à combustão. É uma fortaleza de rebotalhos indestrutíveis que circunda Leônia, domina-a de todos os lados como uma cadeia de montanhas.”

Zenobia é sobre o fazer igual, desejos cancelam a cidade ou são por elas cancelados? As escadas estão todas invertidas, “mas por que é assim?” e nenhum habitante de Zenobia sabe responder.

Trude é uma cidade sem identidade, replicável infinitamente, lembra as cidades periféricas ao redor de grandes centros dos Estados Unidos, repletas de highways e viadutos, só diferem pelo nome. É uma crítica sutil aos maus projetos de planejamento urbano.

“Se ao aterrissar em Trude eu não tivesse lido o nome da cidade escrito num grande letreiro, pensaria ter chegado ao mesmo aeroporto de onde havia partido. (...) Por que vir a Trude, perguntava-me. E sentia vontade de partir.”

Perínzia foi uma cidade teoricamente calculada para ser perfeita. Só que as pessoas que nasceram em Perínzia, são monstros de três cabeças e seis pernas, escondidas nos sótãos.

“Os astrônomos de Perízia encontram-se diante de uma difícil escolha: ou admitir que todos os seus cálculos estavam errados e que as suas cifras não conseguem descrever os céus, ou revelar que a ordem dos deuses é exatamente aquilo que se espelha na cidade dos monstros.”

Para se fazer um resumo, o livro “*As cidades invisíveis*” possui uma estrutura formal desenhada por meio da análise combinatória, dando-lhe uma forma rígida e simétrica, que pode ser observada na formatação do índice. No entanto, apesar desta estruturação racional, a narrativa é poética e filosófica à semelhança de uma fábula. Além disso, há uma reflexão literária sobre o modo de vida nas cidades de ontem e de hoje, feito a partir da releitura de um clássico italiano.

Eu pessoalmente acredito que a mensagem principal que Calvino pretendia com o livro, “*As cidades invisíveis*” era quebrar todos os paradigmas para podermos imaginar a cidade que realmente queremos.

Em suas próprias palavras, Calvino afirmou: “Em *As Cidades Invisíveis*, pude construir uma estrutura multifacetada, cada breve texto está em uma sucessão que não implica em uma sequência ou hierarquia, mas em uma rede na qual é possível traçar múltiplos percursos, e extrair conclusões diversas e ramificadas”.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. 2a. Ed. Cia das Letras, 2016.

BELLO, Ricardo Dias. *Instalação inspirada nas propostas para o próximo milênio de Italo Calvino*, São Paulo, 2017.

IOZZI, Adriana. *A poética da reescritura: uma leitura pós-moderna de Le città invisibili de Italo Calvino*. FFLCH/USP. São Paulo, 1998. 148 p.

MONTEIRO, Evandro Ziggiatti. *Cidades invisíveis*: Uma leitura para compreender a paisagem urbana. Unicamp.

SEVERINO, Tatiane; SILVA, Wania Aparecida Guedes. *Entre a Ficção e a História*: um passeio pelas cidade com Ítalo Calvino e Marco Polo. Revista Anagrama Edição 2 – Dez2008/Fev 2009.

WENZEL, Mariana. Lições Italianas. *Revista Casa Cor*, 2017.